

DO BORDEL AO LAR:

**UMA VOLTA IMPOSSÍVEL EM LUCÍOLA
DE JOSÉ DE ALENCAR**

Rita Félix Fortes (UNIOESTE/FACIMAR)

No Brasil colonial a base de estrutura social e familiar centrava-se no sistema patriarcalista. Neste sistema, o patriarca, além de gerir os negócios da família, era o único elo entre o mundo exterior, tipicamente masculino, e o espaço interior, a casa e a senzala, onde a mulher, apesar de não ter poder de decisão em questões mais sérias, tinha certa área de ação. Enquanto a sociedade era eminentemente rural, as mulheres ainda tinham mobilidade em torno das casas das fazendas. Com o crescimento da sociedade urbana, boa parte dos senhores rurais mudam-se para as cidades e passam a morar nos sobrados onde as mulheres, inicialmente, ficavam confinadas. As transformações sociais, advindas do crescimento e sofisticação das cidades, mais abertas do que as fazendas às influências estrangeiras, foram gradativamente abrindo-lhes certos espaços. Além da igreja, área de circulação preponderantemente feminina, também os bailes e teatros passam a ser frequentados por mulheres. Ocorre, entretanto, que este acesso se dá através do homem que deverá sempre acompanhá-la.

Segundo Simone Beauvoir: *A mulher não tem passado, não tem história nem religião própria... vive dispersa entre os homens, ligada pelo habitat, o trabalho, os interesses econômicos e condição social a certos homens-pai ou marido.*¹

No romance *Lucíola*, José de Alencar trata do conflito psicológico da mulher que vive a dialética de "mostrar-se" diante da sociedade ou "preservar-se" no interior de seu íntimo. Lúcia "vive" dilacerada entre um "papel social" de mulher mundana e os sentimentos interiores de negação os quais, enquanto prostituta, ela se entrega para sobreviver. Esta dualidade entre um mundo interior e a realidade foi uma característica de muitos romances de Alencar. O romance do século XIX, segundo Georg

Lukács cria uma relação de inadequação entre a alma e a realidade. Este dilaceramento entre o eu e o mundo é resultante: *da alma ser mais ampla do que todos os destinos que a vida lhe pode oferecer.*²

Se a alma é mais ampla do que a vida, inevitavelmente haverá um confronto entre o social, controlado pelas normas de convivência, e o seu interior ou alma que não se satisfaz em viver somente segundo as normas, suplantado os sentimentos interiores. Lúcia é uma personagem que se enquadra neste dilaceramento característico do romance do século XIX. A sociedade é

*um mundo em que a convenção reina como grande senhora, é a própria encarnação do conceito de segunda natureza, um conjunto de regras e de leis alheias a qualquer significação no seio das quais não se poderia encontrar nenhuma relação com a alma. Mas, por isso mesmo, não há nenhuma objetivação da vida social que não perca toda a sua importância para a alma.*³

A inadequação do "interior" com o meio social em que se movimenta e a paixão por Paulo, desencadeiam em Lúcia um processo de transformação para a mudança de espaço, um processo lento, mas gradativo, da passagem da personagem de um espaço eminentemente aberto e público, condizente com sua condição de prostituta, para um espaço cada vez mais fechado e particular. Este processo dá-se na medida em que ela mergulha em si mesma tentando fazer emergir um outro lado de sua personalidade que teria, apesar de toda sua vivência, continuado casto e pudico. A personagem é apresentada em duas facetas bem delimitadas: Lúcia, a prostituta, e Maria da Glória, a casta. Apesar de, em boa parte do romance, ela aparecer como Lúcia e de o próprio narrador assim denominá-la, o que ela tenta fazer é recuperar Maria da Glória, a donzela ingênua. Ao agir dessa forma, ela transgride as normas sociais, querendo inserir-se num espaço que lhe é definitivamente vetado.

Para Gaston Bachelard, as imagens que remetem à idéia de espaço são um tema recorrente na literatura porque integram as sensações primordiais do ser humano. Elas são, às vezes, símbolos de segurança, de solidão, de dilaceramento, mas todas, remetem à condição do homem no seu relacionamento com o mundo e a sua busca idílica de espaços nos quais ele se sinta seguro e feliz. A dialética interior/exterior, é um tema recorrente na Literatura.

O exterior e o interior formam uma dialética de esquarteramento, e a geometria evidente dessa dialética nos cega

*tão logo a introduzimos em âmbito metafórico. Ela tem a nitidez crucial da dialética do sim e do não, que tudo decide. Fazemos dela, sem o perceber, uma base de imagens que comandam todos os pensamentos do positivo e do negativo (...) O filósofo com o interior e o exterior, pensa o ser e o não ser.*⁴

José de Alencar constrói a personagem Lúcia a partir do esquarteramento, de um ser e de um não ser.

Lúcia debate-se entre a cortesã que não pode ser mulher "honesta" e a mulher pura que não aceita ser mais cortesã. É o mundo exterior, impondo-se sobre um mundo interior que se recusa a continuar submetido às normas sociais. Por outro lado, não há uma maneira eficaz de negá-las. É através do amor que Lúcia tentará a passagem: privilegiar a alma em detrimento do mundo das convenções.

Para Dante Moreira Leite, as personagens de Alencar não são a priori individualmente bem definidos e a *unificação ou revelação do ser interior de cada personagem depende do outro e, sobretudo, do outro que ama.*⁵

Esse "outro" de que fala o crítico, no romance *Lucíola*, é Paulo. Paralelamente, Lúcia se transforma, de uma mulher que frequenta e afronta a sociedade, em uma mulher que se fecha no espaço da casa e cada vez mais, nega o lado-de-fora e tudo que não venha de Paulo.

Paulo é apresentado a Lúcia por Sá, conhecido comum, em uma festa na igreja da Glória. Ela está em um lugar público, desacompanhada e isto já é o suficiente para que aqueles que dominam as normas de comportamento da Corte, saibam que ela não é uma "moça de família". Paulo, provinciano recém-chegado à cidade, confunde-a com uma senhora honesta. Sua confusão justifica-se por ele não codificar os valores daquela sociedade. Paulo acabara de chegar do Recife e sua impressão a respeito de Lúcia é resultante da falta de conhecimento em relação às normas sociais do Rio de Janeiro, capital e centro cultural do Brasil da época.

Quem é esta senhora? Perguntei a Sá. A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

- Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?... Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara. Só então notei que

*aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade. (L. p.13)**

Um homem integrado naquela sociedade saberia que uma mulher elegante e sozinha, em um espaço público, só se justifica quando ela é um objeto de consumo, acessível a todo o grupo masculino. O trânsito da mulher nesse espaço público, fora de casa, ou se dá pela mão do homem ou torna clara sua posição de marginal ao segmento "familiar". O fato de ser marginal, enquanto prostituta, permite a Lúcia usufruir dessa condição social e viver a liberdade do não enquadrar-se às normas de comportamento impostas às mulheres "honestas", integradas na família patriarcal. É convencionalmente esperado que ela aja com essa margem de liberdade, só que isto veta a ela qualquer possibilidade de uma entrada no segmento familiar da sociedade.

O encontro na festa da Glória dá-se em um espaço público na qual a sociedade interfere como mediadora das impressões que Lúcia provoca em Paulo.

O primeiro encontro, do qual Paulo só se recorda posteriormente, ocorre em uma rua deserta onde ambos estão libertos dos condicionamentos sociais. Naquele espaço, limite entre o interior e o exterior, Paulo tem uma impressão oposta àquela que Sá, enquanto voz social, lhe impinge. Nesse encontro, ele instintivamente percebe o interior de Lúcia, ainda imaculado socialmente. Se no encontro da festa da Glória, Paulo confunde Lúcia com uma senhora, no primeiro encontro, Paulo a vê como uma linda e pura menina. A menina do primeiro encontro, completamente desvinculada de qualquer condicionamento social, transforma-se em uma senhora na festa da Glória, já que esta é a forma de tratamento condizente com uma mulher respeitável nos encontros sociais. – *Que linda menina! exclamei para meu companheiro, que também admirava. Como deve ser pura a alma que mora naquele rosto mimoso! (L., p.15)*

Lúcia enquanto prostituta, não tem que se adequar às normas sociais de bom comportamento. Ao contrário, é seu papel dilapidar fortunas e expor seus amantes a situações constrangedoras. Sua condição torna-a imune aos ataques sociais. Ela se torna vulnerável ao se apaixonar por Paulo e ao querer reintegrar-se no sistema social. A partir desse momento,

* Neste estudo, utilizar-se-á a abreviatura L. para o romance *Luciola*, correspondente a: ALENCAR, José de. *Luciola*. Ática, 1981.

ela poderá ser atingida pelas discriminações endereçadas a Paulo (que acabam por interferir no relacionamento) e pelas perseguições de que passa a ser vítima por tentar realizar a passagem impossível do bordel ao lar. Ela quer percorrer o caminho inverso, numa rua de mão única, perturbando, desta forma, a ordem do sistema.

A sociedade tolera a prostituta, cuja profissão fere tabus fortemente enraizados, desde que ela não tente reintegrar-se à estrutura sacrossanta da família.

Lúcia percebe que, do ponto de vista da sociedade, ela não tem direito a uma vida particular: a ela é vetado o direito de uma existência interior. É um momento de profundo dilaceramento da personagem, porque há nela um grande desejo, uma forte necessidade de se recolher em si mesma, de se refazer para viver seu amor por Paulo. As convenções sociais, ao contrário, exigem que ela volte à vida mundana sob pena de Paulo ser classificado de explorador de mulheres. Ela, enquanto indivíduo, precisa mergulhar cada vez mais no seu interior, ao passo que, enquanto ser social, ela tem que retornar à sua condição exterior de prostituta.

Lúcia, a partir do olhar do outro, no caso Paulo, vai tentar suplantar o mundo exterior e, com ele seu papel social de prostituta, porque, para ela, Paulo vislumbrara seu interior Maria da Glória, e isto faz com que ela procure transformar a "interioridade em universo plenamente autônomo"⁶ reassumindo, em caráter definitivo, a Maria da Glória que encontra no espaço interior sua área de manifestação.

A partir do contato com Paulo, Maria da Glória tentará reassumir de forma definitiva o espaço que até então era ocupado por Lúcia. Recuperar a donzela seria retornar do bordel ao lar. Este retorno é impossível porque não ocorre uma eliminação da prostituta e sim uma inversão de polaridade. Lúcia, que se manifesta quando Maria da Glória se oculta, transforma-se no ser oculto e Maria da Glória, no ser manifesto. Mas, a qualquer momento, a prostituta poderá se manifestar rompendo este frágil equilíbrio. *O ser que se esconde, o ser que "entra em sua concha" prepara "uma saída". Isto é verdadeiro em toda a escala de metáforas, (...) as mais dinâmicas evasões ocorrem a partir do ser comprimido.*⁷

Partindo da afirmação de Bachelard, podemos dizer que a prostituta comprimida, durante muito tempo, a donzela que agora se manifesta. Só que a manifestação desta implicará na compressão daquela, o que inevitavelmente provocará uma nova manifestação. Chegará um momento no qual prostituta (Lúcia) e donzela (Maria da Glória) chegarão a uma si-

tuação inconciliável: a de manifestarem-se ao mesmo tempo, rompendo a barreira que separa interior/exterior.

A ruptura deste frágil equilíbrio do qual "vive" Maria da Glória ocorre, primeiro, através dos julgamentos sociais quando a frágil segurança do seu abrigo interior é rompida. A dialética entre o interior e o exterior não tem como se resolver porque o que Lúcia/Maria da Glória deseja eliminar é uma parte significativa de sua existência e esta nova condição está completamente vulnerável ao mundo exterior. A vida na nova casinha por ela idealizada, é a de uma família comum. Representa a tentativa de habitar a cabana mítica: a de ter um canto ao abrigo de todos os perigos do mundo. Só que esta casa não tem como abrigá-la da sociedade: a presença de qualquer pessoa que a conheceu fará emergir a lama assentada no fundo do poço. É o que acontece quando ela é reconhecida pelo Couto, o mesmo que a coagira a prostituir-se. Ele horroriza-se quando uma moça "honestas" pega, das mãos de Lúcia, um trabalho de crochê. É como se Lúcia contaminasse tudo à sua volta.

O grupo parou a alguma distância; eu reconheci o Couto no momento em que se adiantava com um movimento de espanto. Corri para fazer Lúcia retirar-se antes de vê-lo; mas estava distante, e quando cheguei, já a mais velha das moças se tinha aproximado, e arrancando a pulseira das mãos de sua irmã, atirou-a por cima da grade:

– Não toques em coisa que pertence a esta mulher! é uma perdida! (L., p.118).

Esta ruptura de equilíbrio dá-se de fora para dentro: a sociedade faz ressurgir a prostituta. A segunda ruptura dá-se de dentro para fora, quando toda a sensualidade de Lúcia, a prostituta apaixonada, reprimida pela casta Maria da Glória, irrompe momentaneamente com toda a sua violência.

De repente Lúcia atirou-se a mim. Com uma arrebatada veemência esmagou na minha boca os lábios túrgidos, como se os prurisse fome de beijos que a devorava. Mas desprendeceu-se logo dos meus braços, e fugiu veloz, ardendo em rubor, sorvendo num soluço o seu último beijo. Fugiu, e ao passar fechou a porta que comunicava com o interior. (L., p.120)

A ruptura definitiva do limite que separa interior/exterior ocorre quando Lúcia constata que está grávida. Esta gravidez anula qualquer possibilidade de separação entre esses dois espaços. Quando a mulher, em busca de castidade, tem em seu ventre um filho, registro inegável de sua

condição de prostituta, não há mais separação: interior e exterior estão em um mesmo plano.

Em Lucíola há uma dialética entre o universo interior (o eu, a alma), e o exterior (a sociedade). Essa condição dilacerada leva Lúcia a tentar reassumir sua identidade anterior, buscando-se transformar em Maria da Glória, ao privilegiar o universo interior a despeito do meio social. Gradativamente, a personagem vai passando da condição de estar para a condição de ser. Lúcia vai se modificando na medida em que se modificam os espaços nos quais ela se insere. Se ela está nos espaços fechados, sobre os quais tem algum controle, ela não age mais como prostituta, ao contrário, ela se comporta como uma donzela. Embora socialmente ela continue prostituta, para si mesma, no universo da casa, ela volta a ser Maria da Glória.

*A elevação da interioridade em universo plenamente autônomo não é um simples fato psíquico, mas um juízo de valor decisivo incidindo sobre a realidade: essa autarquia da subjetividade é a mais desesperada de suas defesas finais, a qualquer luta para se realizar fora dela no mundo, luta antecipadamente considerada como sem saída e degradante.*⁸

Esta autonomia da interioridade, de que fala Lukács, (op.cit.) em Lucíola, é muito frágil e poderá vir de fora para dentro sempre que a sociedade se fizer presente marcando bem a condição da prostituta. Ruirá sempre que a sensualidade de Lúcia aflorar porque, para Maria da Glória, este é um atributo da prostituição que ela quer suplantar. Mas o conflito verdadeiramente intransponível⁹ advém do fato de Maria da Glória estar grávida. Até então, havia uma barreira separando a prostituta, símbolo da corrupção exterior, da moça casta, símbolo de inteireza interior. O conflito da personagem baseia-se neste dilaceramento. Mas quando Lúcia/Maria da Glória constata que está grávida ela destrói a delimitação que havia, até então, entre interior e exterior. Com esta ruptura, ficam no mesmo plano e no mesmo universo, dois seres inconciliáveis. Há uma fusão de seres incompatíveis. O oculto se transforma em manifesto e Maria da Glória está prenhe das vivências da prostituta Lúcia. Esta, por sua vez, está comprimida em Maria da Glória.

Um filho é a interiorização na "donzela" das marcas da cortesã. A aparência transforma-se em essência através deste filho, criando uma situação insustentável. Não há como a casta Maria da Glória ter um filho da prostituta Lúcia, porque quem se quer virgem tomar-se-ia a mãe. A única possibilidade de filho para Maria da Glória seria no casamento, o que tam-

bém é impossível porque para a sociedade ela é um pária para quem não há possibilidade de reintegração. Este filho rompe a barreira que separa Lúcia de Maria da Glória, e não há como conciliar a virgem e a prostituta, dois seres de natureza inconciliáveis. A partir da gravidez, Lúcia se encontra em uma situação na qual "espaço é apenas um horrível exterior-interior".¹⁰

Quando o espírito perdeu qualquer espaço ao qual possa abrigar-se e o corpo está repleto de tudo aquilo que o espírito quer negar, só resta uma saída para a personagem que é a eliminação do corpo para libertar o espírito. Esta liberação é a morte. E Lúcia diz isto a Paulo. Ela não pode continuar viva e levar adiante a gravidez. A única saída que lhe resta é a morte.

Valéria de Marco afirma que, com a morte *Lúcia consome o corpo prostituído e destrói a fonte de perturbação da narrativa e da ordem social.*¹¹

A prostituta que ousara tentar voltar do bordel ao lar, é encarcerada definitivamente no túmulo.

Notas

- 1 – BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Vol. I. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. p.144
- 2 – LUCKÁS, George. *A Teoria do Romance*. Lisboa: Presença, p.117.
- 3 – Idem, *ibidem*, p.118.
- 4 – BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes,1981. p.215.
- 5 – LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e Literatura*. São Paulo: 1987. p.159.
- 6 – LUCKÁS, George. *A Teoria do Romance*. Lisboa: Presença, p.119.
- 7 – BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes,1981. p.123.
- 8 – LUCKÁS, George. *A Teoria do Romance*. Lisboa: Presença: p.119.

- 9 – Lúcia convive o tempo todo com dilaceramento interior/exterior. Mas a ruptura dos dois espaços cria uma situação insustentável para a qual a única saída é a morte.
- 10 – BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1981. p.221.
- 11 – DE MARCO, Valéria. *O Império da Cortesã*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p.186.